

rante a matemática uma aritmética sagrada e outra profana, uma astronomia mística e outra herética... O delírio, porém, das maiúsculas e das expressões sem sentido, da declamação que não deve existir numa obra pretensamente científica, está neste trecho: "Il (Randolph Werner, que desafiou Pio XII numa obra: *Reponds, Pie XII!*) montre que l'essentiel de toutes religions (y compris les parties prophétiques de la Bible et de l'Evangile) se rapporte à la fin des Temps et que cet essentiel est également révélé par la grande Pyramide, qui est en somme, en pierre, l'Apocalypse égyptienne, ce qui le conduit à donner une extrême importance (probablement cataclysmique après l'erreur de l'an 1000) à l'an 2109. (Il précise: dimanche 21 avril). Il assure dévoiler la véritable Loi Juive dont le Christianisme ne serait qu'un plagiat de faussaire, de sorte qu'il en arrive à voir en Jésus un imposteur, hérésiarque et faux prophète! (pg. 15). E assim vai todo o livro do sr. Poinot, feito de exclamações, de tiradas retóricas, mas sobretudo, de expressões indeterminadas, tôdas em letras maiúsculas por causa da importância esotérica nelas contidas: tão esotéricas que, talvez, nem o próprio autor as entenda. Livros como este são achas na incriminação da grande fogueira que devora o mundo: a demência!

SILVEIRA BUENO.

LEVILLIER (Roberto). — *La America La Bien Llamada. I. La Conquista de Occidente. II. Bajo la Cruz del Sur.* Buenos Aires. Editorial Guillermo Kraft Ltda. 1948. 2 vols. 293+400 pp. 58+153 gravuras. 31/24 cms.

O trabalho do historiador argentino Dr. Roberto Levillier, tendo por título "America la bien llamada", foi editada pela firma Guillermo Kraft Limitada de Buenos Aires em 1948. Abrange dois grandes volumes impressos em bom papel e enriquecidos com inúmeros clichês reproduzindo preciosos documentos, notadamente os cartográficos do começo do século XVI.

No primeiro volume o dr. Levillier passa em revista as descobertas marítimas dos portugueses ao longo da costa ocidental d'África até o encontro do caminho marítimo para a Índia por Vasco da Gama; a descoberta da América por Colombo; as bulas e o Tratado de Tordesilhas; as viagens dos navegantes espanhóis ao Novo Mundo e a prioridade deles no descobrimento do Brasil; as viagens de Vespucci a serviço dos Reis Católicos e de D. Manuel; a suposta prioridade de Duarte Pacheco Pereira em se tratando do achamento do Brasil; a debatida política de sigilo dos monarcas portugueses; o que a respeito das viagens de Vespucci escreveram Aires de Casal e o Visconde de Santarém, etc.

O segundo volume encerra um amplo e erudito estudo sobre a cartografia americana vetustíssima e bem assim trata das cartas atribuídas a Vespucci. Este segundo volume é, inegavelmente, a parte mais interessante e original da obra do erudito historiador argentino.

O Dr. Levillier que é um fervoroso vespucista, quiçá o maior panegirista do Florentino, espousa a opinião do escritor brasileiro Francisco Adolpho de Varnhagen que, a partir de 1865 até 1869, procurou sustentar a todo o transe que de tôdas as cartas atribuídas a Vespucci, as únicas autênticas são a "Lectera a Soderini" e a "Mundus Novus", disso resultando ter o Florentino realizado quatro viagens ao Novo Mundo: as duas primeiras (1497-98 e 1499-500) a serviço da Espanha e as duas últimas (1501-1502 e 1503-1504) por conta de D. Manuel, rei de Portugal.

Trata-se de uma tese combatida de modo brilhante pelo professor italiano Alberto Magnaghi em 1924, e hoje em dia considerada obsoleta, pois tanto nos Estados Unidos da América do Norte (Frederick Pohl), como em Portugal

(Duarte Leite, Damião Peres), Itália e mesmo entre nós (Marcondes de Sousa), ninguém dá credito ao que narram tais cartas.

Os documentos aceitos hoje em dia como autênticos para provar as viagens de Vespucci à América, são as denominadas "cartas florentinas", existentes por cópia em três códices, a saber: o "Riccardiano 1910", o "Strozziانو" e o "2112 bis", todos arquivados nas bibliotecas de Florença. Desses códices, o mais importante é o de Piero Vaglienti ou "Riccardiano 1910", que contém todas as cartas que Vespucci escreveu ao seu amigo e patrão Lourenço de Pier Francisco de Medici, narrando as suas viagens ao Novo Mundo. De acôrdo com esses códices, o Florentino apenas realizou duas viagens à América: uma em 1499-1500, em parte com Alonso de Hojeda; outra em 1501-1502, em frota portuguesa e a serviço do Rei D. Manuel.

Tratando-se da expedição portuguesa enviada ao Brasil em 1501-1502, da qual participou Vespucci como figura de grande relêvo, expedição esta que explorou uma grande extensão da costa leste da América do Sul, não concorda o Dr. Levillier com os historiadores que sustentam ter ela navegado bem próximo do litoral, tocando em todos os portos, somente a partir do cabo de Santo Agostinho até Cananã, situada a cerca de 25 graus de latitude sul, de onde se afastou do litoral, em obediência ao Tratado de Tordesilhas, para atingir a Geórgia do Sul ou as Malvinas.

O Dr. Levillier é de opinião que a frota portuguesa percorreu de norte a sul, toda a costa leste da América Meridional, desde o cabo S. Agostinho até a foz do atual rio Camarones, navegando sempre bem próximo do litoral e desse modo, descobrindo o Rio da Prata, a Patagônia, etc. Sendo assim, não foi Juan Diaz de Solis o descobridor do citado rio, nem Magalhães da Patagônia.

Esta tese do Dr. Levillier tem por base uma original interpretação que ele dá à nomenclatura dos mapas do começo do século XVI. Na sua opinião, os golfos, baías, rios, etc., que figuram nos mapas de Cantino, Canerio, King-Hemy, Kunstmann II, Pesaro, Ruysch, Waldseemuller de 1507, 1513 e 1516, provêm das viagens realizadas por Vespucci. Tais cartas, diz o Dr. Levillier, ao contrário da opinião da maioria dos historiadores que se têm ocupado das viagens do Florentino, não se limitam a assinalar o trecho do litoral sul-americano pertencente a Portugal pelo Tratado de Tordesilhas. Eles assinalam todos os acidentes geográficos que a expedição de 1501-1502 descobriu. Assim eles indicam que Vespucci descobriu um grande golfo, mais ou menos na mesma altura do cabo de Boa Esperança, que era bem conhecido naquela época e situado a 35 graus de latitude sul. Esse golfo que figura nos citados mapas com o nome de "Rio Jordan", na opinião do Dr. Levillier é o "Rio da Prata", sendo que os mapas mostram que a costa sul-americana se prolonga de modo contínuo em direção sul, onde além de 45 graus está assinalado a foz de um rio denominado "Rio Cananor", que indica o limite das descobertas realizadas por Vespucci, rio esse que o Dr. Levillier identifica como sendo o atual "Rio Camarones". Também o nome "Pinachulla Detentio" que se encontra em tais mapas, opina o referido historiador argentino que é o "Cerro de Montevideo".

Como se vê, o Dr. Levillier apresenta no seu trabalho uma interpretação, em se tratando da toponímia dos mapas do começo do século XVI, referente à costa leste da América do Sul, completamente diferente da que até hoje conhecemos, pois antes do Dr. Levillier ninguém aventou a idéia de ter sido o Rio da Prata descoberto por Vespucci quando da expedição de 1501-1502. Tão pouco, não conhecemos nenhuma opinião, anterior a do ilustre historiador argentino, identificando o "Rio Cananor" dos aludidos mapas, com o atual "Rio Camarones".

Não resta a menor dúvida que o estudo cartográfico do Dr. Levillier é de grande erudição, mas Vespucci na sua carta a Lourenço de Pier Francisco de Medici, expedida de Lisboa provavelmente em agosto de 1502, narrando a sua viagem de 1501-1502 à América do Sul, nada diz sobre o encontro do Rio da

Prata, o que é de se estranhar, de vez que na carta de 28 de julho de 1500, enviada de Sevilha ao mesmo Medici, faz claras referências ao Amazonas, quando descreve a sua viagem com Hojeda em 1499-1500.

Em conclusão: o estudo cartográfico do Dr. Levillier, na nossa opinião, por mais erudito que seja, não constitui por si só elemento suficiente para se poder atribuir a Vespucci, entre outras cousas, a descoberta do Rio da Prata.

ALFREDO ELLIS JÚNIOR.

FIGUEIREDO (Fidelino de). — *A épica portuguesa no século XVI. Subsídios documentares para uma teoria geral da epopéia.* Texto ilustrado. São Paulo, 1950, 402 págs.

A presente obra faz parte dos Boletins (vol. CI) editados pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, e constitui a publicação n.º 6 (secção de Letras) da cadeira de Literatura Portuguesa.

No Prefácio, recorda o A. as sucessivas edições e a carreira agitada deste seu trabalho, a qual está em rigoroso paralelismo com as suas deambulações por Universidades e Países estrangeiros.

Apresenta-se esta sexta edição consideravelmente ampliada nos subsídios documentares que servem de base à teoria demonstrativa e no material iconográfico que os justifica, e lhes dá ressonância para além das fronteiras da arte literária. É obra de alta consciência crítica e histórica, porque contribui para o estabelecimento de uma teoria geral da epopéia, segundo o método iniciado por Joseph Bédier; clarifica o caso português da elaboração de um poema épico; abre veredas novas para se extrair, entre outros, o seguinte corolário de doutrina: a transformação do conceito tradicional da crítica de fontes; e entre as várias e importantes consequências críticas, ministra dados novos sobre a filiação do canto X de *Os Lusíadas* na tradição da poesia astronómica. E pelo que nela perpassa de vivas preocupações de actualidade, é ainda obra de vibrante carácter ensaístico, porque o A. não dissocia os problemas actuais de política e educação dos de pura especulação ou exegese literária — propósito que se evidencia sobretudo na referência que faz, no último capítulo, ao duelo entre a mentalidade épica e a mentalidade crítica.

A obra está dividida em três partes, a primeira das quais. — "Fatos e idéias preliminares" — contém os capítulos: "A repercussão da obra camonianiana", "Epopéia e nacionalidade" e "Conceito e génese da epopéia".

Abre o volume com a análise das três direcções dominantes no quinhentismo português e o seu conteúdo espiritual, personificado em Gil Vicente, Sá de Miranda e Luís de Camões. Depois de salientar o significado humano e renascentista de *Os Lusíadas*, o A. alude à repercussão e influência da obra camonianiana, através dos sucessivos meios leitores e dos diversos ambientes literários e político-sociais, até cristalizar-se na mente portuguesa como força cívica e construtora. Rastreado, pelas várias épocas e escolas literárias, aquela repercussão e influência, principalmente da epopéia, pôde o A. organizar (págs. 24-30) um elenco de 65 poemas heróico-narrativos, "ainda que muitos deles estejam longe de palpitar de verdadeira inspiração épica". E como sintoma do gosto épico, começam a surgir do século XVIII em diante, numerosas caricaturas de epopéias em forma de poemas heróico-cômicos e burles-